

**AS NOVAS ALTERNATIVAS RURAIS NA QUARTA COLÔNIA, RS,
Brasil: um estudo sobre a agricultura de base agroecológica e a
agricultura orgânica**

**THE NEW RURAL ALTERNATIVES IN QUARTA COLÔNIA, RS, Brazil: a
study on the agroecological and organic agriculture**

**LAS NUEVAS ALTERNATIVAS RURALES EN LA CUARTA COLONIA, RS,
Brasil: un estudio acerca de la agricultura de base agroecológica y la agricultura
orgánica**

Vanessa Manfio

Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
nessamanfio@gmail.com

Vinício Luís Pierozan

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
vpierozan@hotmail.com

Recebido para avaliação em 25/11/2016; Aceito para publicação em 04/08/2017.

RESUMO

Neste artigo, foram discutidos os resultados referentes ao estudo de práticas agrícolas, de base agroecológica e orgânica de mercado, realizado nos municípios de Dona Francisca, Agudo e Nova Palma, pertencentes à Quarta Colônia - região localizada no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Este trabalho tem como objetivo central a análise a respeito da produção de alimentos orgânicos e agroecológicos na região, utilizando a abordagem qualitativa para o direcionamento da coleta de dados e da análise dos resultados. O artigo encontra-se estruturado em duas partes. A primeira é composta pela revisão de literatura, em que apresentamos e desenvolvemos os conceitos de agricultura agroecológica, ecológica e orgânica. A segunda parte aborda experiências de agricultura de base agroecológica e orgânica. Ambas as discussões levarão à construção das considerações finais, destacando as suas particularidades em relação ao desenvolvimento rural em âmbito local/regional.

Palavras-chave: Agricultura de Base Agroecológica; Agricultura Orgânica; Quarta Colônia.

ABSTRACT

In this paper will be discussed the outcomes from the study of agroecological and organic market agricultural practices conducted in the counties of Dona Francisca, Agudo and Nova Palma, belonging to Quarta Colônia – a region located in the center of the Rio Grande do Sul state in Brazil. The main goal of this work is to analyze the production of organic and agroecological foods in this region, using the qualitative approach to guide the data collection and analysis of the results. The paper is structured in two parts. The first one is composed by the literature review, in which we present and develop the concepts of agroecological, ecological and organic agriculture. The second part addresses the agroecological and organic farming experiences. Both discussions will lead to the disclosure of the final considerations, highlighting their particularities regarding to the rural development at the local / regional level.

Keywords: Agroecological Based Agriculture; Organic Agriculture; Quarta Colônia.

RESUMEN

En este artículo, serán discutidos los resultados en que se refiere al estudio de prácticas agrícolas de base agroecológica y orgánica de mercado, realizado en los municipios de Dona Francisca, Agudo e Nova Palma, pertenecientes a la Quarta Colônia – región ubicada en el centro del Estado de Rio Grande do Sul, en Brasil. Este trabajo tiene como objetivo central el análisis acerca de la producción de alimentos orgánicos y agroecológicos en la región, utilizando el abordaje cualitativo para el direccionamiento de la recolección de datos y del análisis de los resultados. El artículo se estructura en dos partes. La primera está compuesta por la revisión de literatura, en la que presentamos y desarrollamos los conceptos de agricultura agroecológica, ecológica y orgánica. La segunda parte aborda experiencias de agricultura de base agroecológica y orgánica. Ambas discusiones llevarán a la construcción de las consideraciones finales, destacando sus particularidades en relación al desarrollo rural a nivel local / regional.

Palabras clave: Agricultura de Base Agroecológica; Agricultura Orgánica; Quarta Colônia.

INTRODUÇÃO

As práticas de agricultura de base agroecológica e orgânica¹ têm se constituído numa temática de interesse de pesquisadores e da sociedade em geral, que buscam estratégias para o consumo de alimentos saudáveis, principalmente frente aos impactos ambientais e da saúde humana, causados pelos alimentos convencionais repletos de agrotóxicos.

Na agricultura familiar, alguns produtores têm se especializado em produzir alimentos livres de agrotóxicos, a fim de atender este novo nicho de mercado que vem crescendo nos últimos anos – os consumidores de produtos agroecológicos e orgânicos.

Esses tipos de produção compreendem vários alimentos desde hortaliças, frutas, verduras, legumes, leguminosas e mais uma série de produtos que estão abrangendo mercados em nível local, regional e global, mudando a filosofia de vida dos produtores rurais, especialmente os familiares, que possuem pequenas propriedades rurais e passaram a receber apoio de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da produção local e o seu beneficiamento.

A produção de alimentos agroecológicos e orgânicos é uma realidade em várias propriedades rurais na região da Quarta Colônia – RS, que através de iniciativas de instituições parceiras dos agricultores como, por exemplo, a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS) e de políticas públicas de âmbito local e regional tem reconfigurado a cadeia produtiva da região, instigando também a criação de agroindústrias familiares.

A produção agroecológicos e orgânicos tem permitido o fortalecimento das potencialidades locais e o desenvolvimento econômico regional. Cabe aqui destacar que a

¹ A agricultura orgânica e agroecológica podem ser tratadas, no texto, como agricultura alternativa.

agricultura agroecológica e a agricultura orgânica não são sinônimas, são duas formas distintas de produzir alimentos e de se relacionar socialmente com o meio ambiente.

Partindo dessa temática, o presente estudo buscou analisar a produção de alimentos na Região da Quarta Colônia, dando ênfase à produção de hortaliças agroecológicas na propriedade Buske, no município de Dona Francisca, a banana agroecológica na propriedade da família Manfio e a produção de frutas e hortaliças agroecológicas da família Fréo, ambos em Nova Palma, as bananas agroecológicas de São João do Polêsine e os morangos orgânicos da família Steyding, no município de Agudo. Este último exemplo contempla a agricultura orgânica de mercado, ou seja, mantém toda a sua estrutura e o funcionamento voltados para atender ao mercado, especialmente às empresas de comércio alimentar.

Para desenvolver a pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, partindo de uma interação entre pesquisador e objeto de investigação. Segundo Günther (2006, p. 203), a pesquisa qualitativa implica “num processo de reflexão contínua sobre o seu comportamento enquanto pesquisador e, finalmente, numa interação dinâmica entre este e seu objeto de estudo”. Assim sendo, a intenção desta pesquisa não condiz em tabular e quantificar dados, mas em entender a produção agroecológica e orgânica na produção familiar da Quarta Colônia como novas fontes alternativas de cultivo que trazem melhores condições de vida para o produtor rural.

Neste sentido, utilizou-se como ferramentas metodológicas o trabalho de campo, com a coleta de dados em fontes secundárias como: EMATER, conversas informais com alguns produtores rurais, registro de informações e imagens, revisão de literaturas e análise dos dados.

Estruturam-se os resultados e análises presentes no artigo, em duas partes: a primeira é composta pela revisão de literatura sobre agricultura agroecológica e agricultura orgânica e a segunda uma análise da produção de banana, morango e hortaliças agroecológicas das propriedades destacadas anteriormente. Estas duas etapas construíram as análises pertinentes para a discussão final.

AGRICULTURA AGROECOLÓGICA E AGRICULTURA ORGÂNICA: uma discussão importante para o contexto econômico brasileiro

A agricultura é uma atividade importante para sociedade, deste os primórdios das civilizações. As antigas civilizações, depois de se tornarem sedentárias, passaram a produzir

alimentos para sobrevivência de seus familiares. Segundo Mazoyer e Roudart (2010), a agricultura surge no período neolítico – há menos de 10.000 anos – quando o homem começou a cultivar as plantas e criar animais domesticados por ele mesmo. O homem passou a transformar os ecossistemas naturais originais em ecossistemas cultivados, artificializados e explorados por seus cuidados para sobrevivência (MAZOYER; ROUDART, 2010).

No decorrer da história da humanidade, muitos impérios se expandiram em virtude das suas habilidades em produzir alimentos e inovações agrícolas. E através do campo surgem também às cidades, como afirma Moreira (2007). A cidade nasce a partir de uma divisão social do trabalho que surge com o aparecimento de técnicas que ajudam a criar excedentes na produção agrícola, fazendo com que parte da população se disponibilize para realização de atividades não-agrícolas.

No caso do Brasil, Silva (2010) coloca que a agricultura predominante que desenvolveu, nos tempos passados, teve como base o latifúndio e a monocultura, efeitos do processo de ocupação do território brasileiro e das diversas atividades desenvolvidas neste período, em especial, o cultivo da cana de açúcar, o algodão e o café (SILVA, 2010). Embora, outras formas de produção agrícola também vieram a fazer parte da história e da atual dinâmica econômica do Brasil. Estas formas de agricultura marcaram o surgimento de cidades que, ainda, nos dias de hoje, têm sido influenciadas pela vida rural.

O crescimento populacional e as transformações técnicas, científicas e sociais que invadiram a cidade e o campo, nas últimas décadas, também trouxeram uma série de alterações no modo de produzir alimentos e para quem produzir. Ou seja, uma parte dos produtores, especialmente os de grandes extensões de terras, passou a comercializar as monoculturas, soja e trigo, com grandes corporações mercantis. A agricultura tradicional foi cedendo espaço para a agricultura moderna. As transformações que revolucionaram a forma de se produzir alimentos ficaram a cargo da Revolução Verde. Machado e Machado Filho (2014) afirmam que:

O paradigma da “revolução verde” [...] se apoia em três “princípios”, todos para criar dependência e, portanto, custos para o produtor: fertilizantes de síntese química – uréia, superfosfatos, cloreto de potássio e tantos outros –, venenos contaminantes da vida humana e da vida ambiente (agrotóxicos) e as monoculturas que destroem a biodiversidade e, conseqüentemente, os biomas (MACHADO; MACHADO FILHO, 2014, p. 61).

Esses princípios, que passaram a ser inseridos na agricultura, a partir da Revolução Verde, modificaram toda a forma do homem se relacionar com o ambiente e visaram,

exclusivamente, aumentar a produção e a produtividade agrícolas e se constituir no modelo hegemônico de agricultura que atualmente vigora. Em relação a este modelo de desenvolvimento rural e de agricultura, Caporal e Costabeber (2004, p. 16) enfatizam que ele é “[...] insustentável no tempo, dada sua grande dependência de recursos não renováveis e limitados. Ademais, este modelo tem sido responsável por crescentes danos ambientais e pelo aumento das diferenças sócio-econômicas no meio rural”.

Contra este modelo de agricultura surgem as agriculturas alternativas, que, segundo Caporal e Costabeber, procuram:

estabelecer estilos de agriculturas menos agressivos ao meio ambiente, capazes de proteger os recursos naturais e que sejam duráveis no tempo, tentando fugir do estilo convencional de agricultura que passou a ser hegemônico a partir dos novos descobrimentos da química agrícola, da biologia e da mecânica (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 7).

As agriculturas alternativas estão presentes em diversas partes do mundo, em culturas e territórios diferenciados. Entre estas agriculturas alternativas pode-se destacar, por exemplo, a agricultura orgânica, biológica e agroecológica.

No que tange à agroecologia, Caporal e Costabeber (2004, p. 8) afirmam que ela surge como “[...] um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição, a estilos de agriculturas sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável”.

Numa outra abordagem, a agroecologia emerge como uma agricultura ecológica e apresenta uma visão global da agricultura, envolvendo aspectos de ordem econômica, política e cultural. Essa racionalidade ecológica, segundo Altieri (2006, p. 6), busca

substituir o uso de insumos agroquímicos e transgênicos, ampliar programas de conservação de água, solos, e biodiversidade, planejar a paisagem produtiva em função das potencialidades locais de solo e clima de cada eco-região e potencializar o papel multifuncional da agricultura como geradora de renda, alimentos, e serviços ambientais e culturais.

Na visão de Altieri (2009), a produção agroecológica é entendida como uma produção sustentável que ocorre num agroecossistema em equilíbrio com os elementos plantas, solos, clima e outros organismos coexistentes no espaço. Nestes agroecossistemas a produção acontece baseada no equilíbrio ambiental, tornando as plantas resistentes e as condições favoráveis ao seu crescimento, sendo em alguns casos empregados métodos alternativos (como inseticidas botânicos e fertilizantes naturais) para controlar doenças, pragas ou deficiências do solo (ALTIERI, 2009).

Ainda em Altieri (1995 apud ASSIS; ROMEIRO, 2002), a agricultura agroecológica, além de ser um processo ecológico é também um processo social, efeito da coevolução dos sistemas naturais e sociais e de suas relações com a produção agrícola.

Assim, a agroecologia se apresenta não apenas como uma agricultura alternativa, mas também como uma ferramenta de desenvolvimento local/regional, pois procura potencializar os recursos locais e o conhecimento cultural acumulado, ao longo do tempo, através das experiências e dos ensinamentos familiares dos agricultores.

Por sua vez, a agricultura orgânica segue um processo agroecológico voltado para o mercado consumidor. Conforme Penteado (2000), a agricultura orgânica tem como objetivo a produção agrícola, com base em tecnologias de processos, ou seja, um conjunto de procedimentos, envolvendo a planta, o solo e as condições climáticas, a fim de produzir alimentos que tenham características naturais, livres de agrotóxicos e com sabores originais, buscando atender o consumidor. É, portanto, conforme Meirelles (2009, p. 2), uma prática que “se organiza a partir das demandas do mercado”.

A agricultura orgânica de mercado não se enquadra dentro do ideal agroecológico, pois é caracterizada por monocultivos orgânicos, é dependente de insumos externos à propriedade e condicionados ao pacote tecnológico orgânico, bem como ambiciona um nicho de mercado específico. Segundo Assis e Romeiro (2002, p. 74), as “preocupações com o consumidor, porém, esbarram muitas vezes na estreiteza dos gostos de consumo”.

Neste contexto, Meirelles (2009, p. 5) enfatiza que “a forte vinculação do termo Agricultura Orgânica com uma lógica de mercado tem feito com que muitos estejam desistindo de disputar este conceito e estejam migrando para o termo Agricultura Ecológica”. No entanto, como argumentam Assis e Romeiro (2002, p. 77), “entre as diferentes correntes de agricultura alternativa ao padrão convencional, a da agricultura orgânica é atualmente a mais difundida, sendo inclusive reconhecida junto aos consumidores como sinônimo de todas as outras”.

No entendimento de Schultz (2007), a imagem associada aos produtos orgânicos, junto aos consumidores, é de uma produção rara e, por isso, os preços são elevados. No entanto, esta inverdade é uma estratégia dos supermercados para atenderem a uma parcela da população de maior poder aquisitivo. Esta imagem também está vinculada a uma marca que legitima a qualidade dos produtos, criando um novo sistema de produção mercadológica e uma conscientização ecológica.

Diante disso, Schultz (2007, p. 83) ressalta que:

A agricultura orgânica oportuniza a revisão das relações de cooperação e de competitividade no agronegócio brasileiro, possibilitando, desta forma, o estabelecimento de um relativo equilíbrio de forças entre os agentes das cadeias produtivas de alimentos, por meio de estratégias associadas às mudanças nos padrões de consumo e da conscientização ecológica.

Esta conscientização ecológica tem permitido que tanto a agricultura agroecológica como a orgânica encontre adeptos, tanto na realização da produção quanto na comercialização, variando o tipo de público-alvo e os moldes da constituição agrícola. Para Moro (2011, p. 80), alguns agricultores têm preferido investir na produção agroecológica,

obtendo insumos na própria propriedade e comercializando os produtos em pequenas feiras locais em contato direto com seus consumidores, outros preferem a produção em escala, adquirindo insumos de outros locais, vendendo seus produtos em redes de supermercados.

Frequentemente, os pequenos produtores familiares estão posicionados para implementar as práticas agroecológicas e orgânicas, uma vez que possuem estruturas de produção em dimensões passíveis de supervisão (ASSIS; ROMEIRO, 2002). Além de esses produtores estabelecerem metas de enquadramento num novo estilo de produto voltado ao consumidor e não ao complexo agroindustrial capitalista.

De forma geral, as práticas alternativas têm sido vinculadas à agricultura familiar com a inserção de técnicas que diminuem os impactos ambientais e busquem o bem-estar social, oferecendo alimentos de qualidade ecológica para a população e promovendo o desenvolvimento local.

A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS E ORGÂNICOS NA QUARTA COLÔNIA (RS): uma realidade em construção

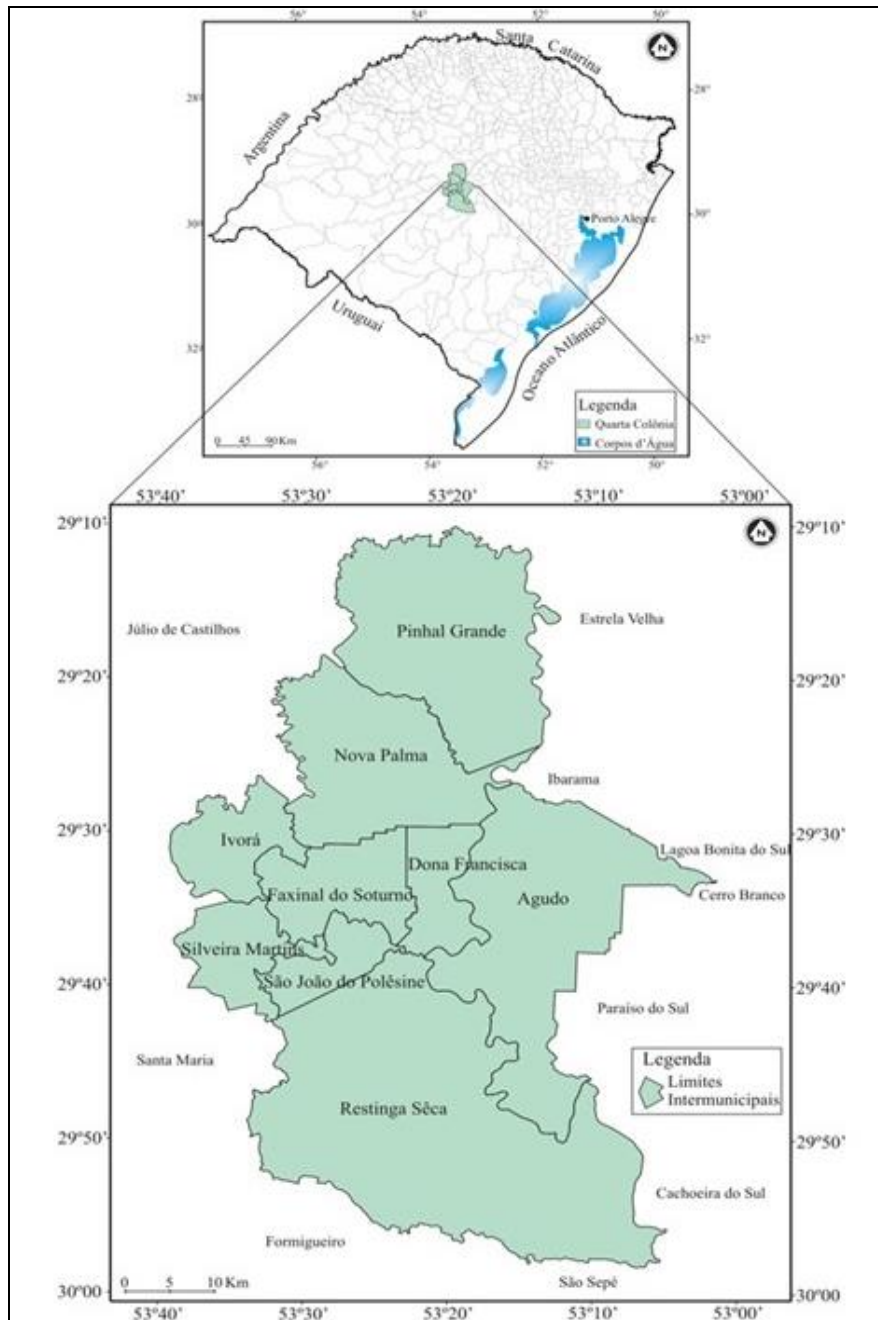
A agricultura alternativa, tendo por base a produção de alimentos limpos, orientados pelos princípios agroecológicos é uma realidade presente em diversas áreas rurais do país, e atualmente está ganhando cada vez mais novos adeptos, principalmente entre agricultores e consumidores. Quem consome esses produtos busca, além de adquirir alimentos mais saudáveis e melhor qualidade de vida, uma relação mais próxima com o agricultor. De fato, o consumidor quer saber “quem produziu” e “como produziu” esse alimento que está sendo comercializado. Essa proximidade instaurada entre agricultor e consumidor também faz parte do processo da adoção da agroecologia.

Grande parte da produção de alimentos ecológicos no Brasil é realizada em pequenas e médias propriedades de agricultura familiar, que se dedicam a policultivos e culturas de época. É esse tipo de agricultura que vem sendo desenvolvido na Quarta Colônia, localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul. Essa região colonizada por imigrantes italianos e alemães tem criado um território cultural, marcado pelas tradições dos colonizadores.

O uso da expressão Quarta Colônia serve para designar o território constituído pela Quarta Colônia de Imigração Italiana, mais os municípios de Agudo e Restinga Seca, com o fim de promover a articulação política e a (re) valorização de seus aspectos culturais e naturais (MARIN, 2011). A partir dessa integração espacial ocorre a formação da região integrada da Quarta Colônia – através da formação e instalação pelo governo estadual do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS) – abrangendo os municípios de Restinga Seca, Agudo, Faxinal do Soturno, Nova Palma, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Pinhal Grande e Dona Francisca. O mapa abaixo (Figura 1) apresenta os municípios que compõem a Região integrada da Quarta Colônia.

Esta região tem sua economia alicerçada na produção de gêneros agrícolas e atividades ligadas ao rural. A maioria das propriedades é destinada à agricultura familiar devido em parte a: constituição do solo e relevo que, em muitos casos, são de difícil produção por serem áreas de altos declives, pela tradição cultural e pelo fracionamento dos lotes rurais com os herdeiros das propriedades.

No entanto são necessárias políticas de desenvolvimento local e gestão para a articulação das características regionais com a economia. Assim, surgem estratégias de desenvolvimento pautadas na condução do meio rural familiar como, por exemplo, a criação do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (CONDESUS/Quarta Colônia) e suas iniciativas.



A nova estratégia de desenvolvimento nacional, respaldada pela Constituição Federal de 1988, teve como marca a descentralização administrativa, que proporcionou a criação em 1996 do CONDESUS/Quarta Colônia, vinculado ao Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS), incorporando nove municípios da região central do Estado. Pode-se inferir que, a partir da década de 1990, vários agentes passaram a influenciar na reorganização da agricultura familiar e do meio rural na Quarta Colônia - RS (MARIN, 2011).

Dessa forma, verifica-se na região a busca de novas alternativas econômicas que possam alterar a atual matriz produtiva, principalmente em relação à formação de agroindústrias e o cultivo de frutíferas, que vem sendo estimulado por programas especiais como, por exemplo, o Programa de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (SCHOPT et al., 2001). Dentre os projetos desenvolvidos pelo consórcio destacam-se: Programa de Habitação Rural e Urbana da Quarta Colônia; Redes de Produção e Comercialização de Produtos Agroecológicos da Quarta Colônia; A Casa da Quarta Colônia (terminal de comercialização da Quarta Colônia); Inventário do Patrimônio Histórico da Quarta Colônia; Sinalização da Quarta Colônia; Parques Paleontológicos Integrados da Quarta Colônia (Período Triássico); Sinalização da Rota Paleontológica da Quarta Colônia; Turismo Rural Integrado da Quarta Colônia; Programa de Fruticultura Irrigada da Metade Sul/Quarta Colônia; e Planejamento Ambiental da Quarta Colônia (BATTISTELLA et al., 2008). Estes projetos têm proporcionado o desenvolvimento da região, valorizando suas potencialidades locais e as bases socioeconômicas da agricultura familiar.

Para Marin (2011), o território a partir das articulações do consórcio passa a incluir um patrimônio identitário, que é produto dos processos históricos e relacionais, ou seja, da formação de cada território em um contexto de relações sociais com o ambiente externo à vida em sociedade. Tal patrimônio pode ser potencializado em projetos e programas de desenvolvimento que visem a sua preservação e valorização perante a sociedade.

Neste sentido, um dos programas desenvolvidos pelo PRODESUS em parceria com entidades locais e produtores da região foi a produção de bananas ecológicas no município de São João do Polêsine.

Na década de 1990, a difusão de informações sobre a exploração de fruticulturas tropicais, como a banana, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), aliada às crises com os preços do arroz (base da cadeia produtiva do município) e o desenvolvimento de programas de estímulo à fruticultura como o PRODESUS, fizeram com que os produtores rurais de São João do Polêsine buscassem novas alternativas de produção agrícola como renda econômica (ROSSO et al., 2012).

Dessa forma, foram realizadas reuniões e visitas às propriedades de agricultores que já produziam bananas orgânicas no estado do Rio Grande do Sul e, a partir daí, foi construído um estudo de observação das variedades mais produtivas de banana. Essa iniciativa atraiu antigos e novos produtores de banana do município, o que possibilitou a

criação de agroindústrias. Segundo Rosso et al. (2012), o cultivo da banana não está ligado somente à prática do plantio e à comercialização *in natura* do produto, mas também na implantação de outras atividades que a ela estão vinculadas, como a criação de agroindústrias para o beneficiamento da fruta (produção de doces e artesanatos).

Desse modo, pode-se considerar que a cadeia produtiva da fruticultura, especialmente da produção de bananas ecológicas, torna-se uma alternativa promissora para os agricultores locais, pois a mesma permite diversificar sua base produtiva e agregar renda pautada na comercialização da fruta ou dos produtos originados via agroindústria (ROSSO et al., 2012). Assim, aparecem no cenário regional agroindústrias que transformam a banana e outros produtos agrícolas em doces e alimentos que são comercializados localmente e nos municípios próximos. Este comércio representa uma fonte de renda aos produtores rurais. Entre as agroindústrias podemos citar: Agroindústria Irmãos Giacomini e Delícias da Terra (São João do Polêsine), Agroindústria do Vale (Faxinal do Soturno), Agroindústria Irmãos Simonetti (Ivorá) e Agroindústria Puppe (Restinga Seca).

Para alguns dos autores, o projeto do CONDESUS constitui-se num modelo desenvolvimentista, que somado a outras iniciativas permite um olhar para tentativa de projeção de uma territorialidade, pautada na diversidade de saberes, crenças e identificações, como é o caso da chamada Quarta Colônia (VENDRUSCOLO et al., 2008).

Reforça Guimarães (2011) que a Quarta Colônia em seu processo de desenvolvimento endógeno² potencializa os recursos internos em oportunidades de mercado e suscita a transformação das características específicas do lugar sob a ótica dos saberes de caracterização científica, secundarizando os saberes e as técnicas tradicionais.

A produção da banana em São João do Polêsine e Nova Palma (Figura 2) se desenvolve através do plantio manual das variedades de banana caturra e prata. Os produtores rurais utilizam em suas lavouras adubos ecológicos desenvolvidos pelos agricultores, a partir de dejetos de animais e restos vegetais compostados. Além disso, procuram evitar e/ou diminuir ao máximo a entrada nas propriedades de produtos químicos, sintéticos ou industrializados. Alguns produtores utilizam a desfolha de folhas secas e/ou doentes, o corte das bananeiras que já produziram o cacho de bananas e monitoram os plantios, evitando a disseminação de parasitas. De acordo com Schopt et al. (2001), a cultura da banana possibilita o aproveitamento dos restos orgânicos que, aliados à adubação com esterco de dejetos de animais, promove a recuperação do solo e ambiente natural.

² Desenvolvimento endógeno é constituído por “iniciativas e atuações propostas a partir do interior do próprio lugar – território, buscando a dinamização dos recursos locais.” (DALL’ACQUA, 2003, p. 108).



Figura 2 – Produção de banana agroecológica na propriedade Manfio, Nova Palma/RS
Fonte: MANFIO, V. (fevereiro de 2016).

Na Quarta Colônia outra experiência de produção ecológica é o cultivo de frutas, hortaliças e arroz pela família Buske, pertencente ao município de Dona Francisca. Nas lavouras da família não são utilizados hormônios e insumos químicos na produção, proporcionando uma agricultura muito mais harmoniosa com o meio ambiente e energeticamente positiva, se traduzindo na produção de alimentos muito mais saudáveis para o consumo.

A propriedade de Buske utiliza o método que trabalha o campo como um organismo vivo que engloba animais, plantas e vegetais num processo harmônico, no qual a natureza é a grande matriz tecnológica (BRUN, 2015). Dentre as práticas culturais destacamos a observação do calendário lunar para a prática da agricultura, por exemplo, na lua minguante é hora de plantar as raízes e tubérculos, como mandioca, cenoura e beterraba, sendo o plantio e a adubação realizados através de preparativos naturais, como os preparados homeopáticos (BRUN, 2015).

A realização da adubação ecológica é proveniente de materiais existentes no próprio estabelecimento (sobras de restos vegetais, compostagem animal e resíduos animais) e o cuidado diário faz com que os produtos não necessitem de elementos químicos no processo de produção.

O conhecimento do plantio dos cultivos, muitas vezes, é proveniente de ensinamentos dos antepassados (pais e avós) que tinham uma percepção climática e produtiva adquirida com a experiência diária. Este tipo de produção demonstra claramente uma agricultura construída a partir dos ensinamentos acumulados, ao longo das diferentes

gerações e adaptados a cada tipo de cultivo e local, se traduzindo numa das principais premissas da agricultura agroecológica e familiar, que é preservar o conhecimento adquirido com a prática da agricultura ao longo do tempo, que a agricultura convencional com o seu pacote tecnológico procura interromper.

Os produtos agroecológicos produzidos na propriedade dos Buske são comercializados em escala local e, além de ser uma fonte de renda que garante o sustento e a permanência da família no campo e a qualidade de vida do agricultor, não necessita lidar com agrotóxicos. Na produção, o agricultor coloca a sua identidade e conhecimento pessoal, tendo orgulho de fornecer um produto de qualidade para os consumidores. Sendo os ganhos econômicos equiparados aos de satisfação por realizar o que gosta e de preservar suas tradições.

Ainda nesta prática agroecológica, destaca-se a produção de frutas (entre elas: banana, abacate, pêssigo e caqui) e hortaliças (alface, tomate, rabanete e beterraba) da família Fréo de Nova Palma, a qual produz para comercializar localmente através de feiras e do comércio nas casas de pessoas que já são clientes. A venda é realizada semanalmente na cidade, onde toda a família participa. Além dos produtos agroecológicos cultivados na propriedade, a família Fréo comercializa queijo, ovos, vinhos e leite os quais provêm da pequena propriedade e do trabalho familiar.

Na perspectiva de produção orgânica, merece destaque a produção de morangos semi-hidropônicos (Figura 3), sistema que utiliza prateleiras em diferentes níveis de altura e conta com sistema de irrigação, não utiliza agrotóxico e conta com a adubação biológica, realizada pela família Steyding no município de Agudo. Nesse cultivo, o controle das pragas e doenças é realizado com fungicida e inseticida orgânicas (com caldas naturais) e adubação biológica para contribuir com a constituição de nutrientes necessários para a planta desenvolver-se equilibradamente.



Figura 3 – Produção de morangos semi-hidropônicos orgânicos em Agudo - RS
Fonte: Morango agudense, 2015. Disponível em: <<http://morangoagudense.blogspot.com.br/>>.

Nota-se que a partir dos estudos realizados na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) foram plantadas em 2013 na propriedade dos Steyding (conhecida como Morango Agudoense) as primeiras mudas de morango vindas da região da Patagônia (Argentina) e também do viveiro particular dos Steyding, fornecedores de mudas para produtores rurais em todo o estado do Rio Grande do Sul (MORANGO AGUDOENSE, 2015). Os morangos Steyding são das variedades: Camarosa, Oso Grande, Tudla, Festival, Albion, Camino Real e San Andreas (MORANGO AGUDOENSE, 2015).

O período de plantio das mudas de morango é realizado entre os meses de março e junho, sendo utilizada no preparo da lavoura a cobertura do solo com mulching preto e branco para evitar que os frutos toquem o solo e possibilita que a produção se prolongue até o fim do ano (MORANGO AGUDOENSE, 2015). Na época em que as mudas estão florescendo são realizadas a cobertura delas com um plástico (semelhante ao sistema de estufa), onde são realizados o cultivo tradicional e o sistema semi-hidropônico. Estas estufas ficam em lugares altos para poder evitar o contado de pragas nos frutos, pois existe um cuidado com a higiene do fruto que parte desde a matriz das plantas até a colheita e são importantes para não comprometer a qualidade do fruto e minimizar o aparecimento de doenças (MORANGOS AGUDOENSE, 2015).

A partir desta iniciativa, a família tem diversificado a produção agrícola, contribuindo para que os filhos permaneçam no meio rural e busquem novas formas de emprego agrícola na propriedade, através do conhecimento adquirido em cursos e graduações. Destaca-se que os cultivos orgânicos da família Steyding são voltados à agricultura orgânica convencional, ou seja, a agricultura orgânica de mercado, que realiza a substituição dos insumos do pacote tecnológico, difundido pela Revolução Verde, pelo

“pacote tecnológico orgânico”, o qual utiliza insumos externos à propriedade, porém à base de insumos orgânicos e sem utilização de agrotóxicos. Particularmente quanto a esse tipo de agricultura orgânica enfatizamos que a mesma não se insere dentro dos princípios da agroecologia, pois os valores e princípios ecológicos não são adotados, temos aqui simplesmente a substituição dos insumos e a organização social mantém o “status quo”.

Estes sistemas de produção de alimentos orgânicos presentes na Quarta Colônia marcam uma transição de pensamento dos produtores rurais da região, os quais têm buscado novas alternativas para a permanência no campo. Essa nova forma de produzir alimentos, quando comparada à agricultura moderna fortemente difundida através da Revolução Verde, diz respeito à busca do agricultor por uma melhor qualidade de vida no meio rural e principalmente numa nova forma de se relacionar com o meio ambiente, assim como a possibilidade de apresentar um produto diferenciado frente aos demais hortifrutigranjeiros ofertados no mercado.

As raízes culturais também estão presentes no espaço geográfico da Quarta Colônia. As novas formas de produção agrícola voltadas para o meio rural, o turismo, a agroecologia e também a instalação das agroindústrias que são importantes para aliar cultura e produção (economia) tem valorizado a identidade da população local. A Quarta Colônia constitui-se num território da colonização italiana no Rio Grande do Sul e boa parte dos costumes e tradições agrícolas presentes na região se constituem num legado da imigração italiana e também da cultura alemã, esta concentrada especialmente em Agudo.

Além disso, a produção de orgânicos tem permitido a identificação do agricultor com o produto cultivado e/ou elaborado, transformando o espaço regional e as perspectivas de desenvolvimento do rural pelos produtores rurais. A partir destes projetos e práticas agrícolas tem ocorrido o desenvolvimento regional da Quarta Colônia, permitindo a integração entre meio ambiente, cultura e economia.

Esta integração regional está vinculada também à forma de comercialização, na qual muitos produtos, tanto orgânicos como oriundos da agricultura convencional, têm sido processados em pequenas agroindústrias familiares, é o caso das bananas agroecológicas de São João do Polêsine. As bananas têm possibilitado às famílias, através do beneficiamento, atingir o comércio numa escala regional, com subprodutos como balas e doces principalmente.

Segundo Guimarães (2011), a agroindustrialização de alimentos, atividade historicamente exercida pelos imigrantes europeus na Quarta Colônia, representados pelos italianos, se apresentou como a melhor forma de aproveitar os produtos oriundos de suas

lavouras e tem possibilitado a conservação dos alimentos para o consumo da família e a possibilidade de renda extra com a venda do excedente. Esse fato representa uma expressividade, sendo que os atores sociais buscam a valorização econômica de suas identidades socioculturais, dadas às limitações ambientais de exploração do solo, aliando muitas vezes, a produção agrícola ao turismo como uma oportunidade de reprodução socioeconômica aos atores e desenvolvimento regional (GUIMARÃES, 2011).

O desenvolvimento regional é visto pela criação de infraestruturas e atividades que ampliam a visibilidade da região, trazem renda, emprego e proporcionam qualidade de vida e sustentabilidade para a comunidade local. Para Oliveira e Lima (2003), o desenvolvimento regional depende da conciliação das políticas que impulsionem o crescimento. A organização da sociedade local pode transformar o crescimento advindo dos desígnios centrais em efeitos positivos, ou melhor, em desenvolvimento para toda a região.

Segundo Colusso et al. (2015), o desenvolvimento regional contemporâneo constrói uma nova região de desenvolvimento, resultado da mescla da competição exercida pela esfera econômica e da cooperação socioambiental de produção e reprodução da vida, exercida pela esfera social. Neste novo contexto, cabe às comunidades regionais pensar e propor soluções para o desenvolvimento local-regional como também criar, organizar e estruturar seu próprio modelo de desenvolvimento via cooperação de seus agentes, respeitando as identidades locais e o ambiente.

De acordo com Xavier et al. (2013, p. 1.041), “o desenvolvimento regional compreende um esforço das sociedades locais na formulação de políticas regionais com o intuito de discutir as questões que tornem a região sujeito de seu processo de desenvolvimento”. Com isto, a produção orgânica tem se tornado uma ferramenta para a diversificação agrícola e para o desenvolvimento regional, permitindo a incorporação de novas técnicas no rural que minimizem os impactos sociais e ambientais, fortalecendo o aparecimento de agroindústrias locais e a interação entre produtores, essenciais para o fortalecimento econômico e social da região. Assim como acontece, atualmente, na Quarta Colônia.

Em síntese, os novos olhares e políticas públicas podem proporcionar o desenvolvimento de atividades que possibilitam a geração de renda e se transformam num meio alternativo para os pequenos agricultores manterem-se no rural, permitindo o desenvolvimento regional e a inserção da sua cultura local ao processo agrícola, além de proporcionar menos impactos ao ambiente e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura na região da Quarta Colônia se apresenta como um agente de transformação no que se refere ao desenvolvimento rural em âmbito local e regional. Nesta pesquisa teve-se a oportunidade de analisar as experiências de duas formas distintas de se fazer a agricultura.

Uma delas, a agricultura que utiliza os princípios da agroecologia e procura aperfeiçoar todo o sistema agrícola, trazendo novas alternativas para viabilizar e extrair o máximo da produção, dentro da própria unidade de produção agrícola e se traduz numa visão global da propriedade, envolvendo aspectos ambientais, sociais e culturais. De acordo com Castelo Branco Filho e Medeiros (2013, p. 10), essa agricultura “[...] tem permitido a viabilização de um novo projeto de vida no meio social rural. Trata-se de uma experiência inovadora tanto em termos tecnológicos quanto nas dimensões socioeconômica, cultural e ambiental”.

Na outra extremidade, tem-se a agricultura orgânica comercial preocupada em produzir “alimentos limpos” como um diferencial de competitividade de mercado, frente aos alimentos oriundos da agricultura convencional. Essa agricultura se atém exclusivamente em produzir, comercializar e lucrar. Em uma visão macro, quem está por traz desse tipo de agricultura são as grandes corporações que procuram “cada vez mais [...] vincular suas imagens a valores ambientais” (MEIRELLES, 2009, p. 9).

Na região da Quarta Colônia, a produção de bananas e hortaliças tem na sua essência uma “[...] mudança nas atitudes e valores dos atores sociais em relação ao manejo e conservação dos recursos naturais” (CASTELO BRANCO FILHO; MEDEIROS, 2013, p. 6). Pode-se assim dizer que além de uma nova forma de agricultura ela apresenta um novo tipo de produtor rural, que passa a ocupar a posição de protagonista na agricultura, que passa a utilizar conhecimentos e técnicas que foram desenvolvidas e são aprimoradas de acordo com a realidade local.

A produção de morangos pela família Steyding, no município de Agudo, embora seja realizada basicamente por mão de obra familiar, não apresenta uma visão global da produção, em que o agricultor atue como um ser protagonista. Pois, toda a produção apresenta uma “receita” cheia de ingredientes que são externos à propriedade e são os grandes responsáveis pela possibilidade de produzir na forma orgânica. Aqui a agricultura orgânica aparece mais como uma oportunidade de negócio do que uma filosofia de vida, envolvendo uma preocupação ambiental.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

_____. Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI. In: MOURA, E. G.; AGUIAR, A. F. C. **O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos no campo: princípios e tecnologias**. São Luís: UEMA, 2006. p. 83-99. (Série Agroecologia UEMA, v. 2).

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. **Desenvolvimento e meio ambiente**, Curitiba, n. 6, p. 67-80, jul./dez. 2002.

BATTISTELLA, L. F. et al. A busca do desenvolvimento sustentável pelo CONDESUS/Quarta Colônia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 28., 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ABEPRO, 2008. Disponível em: <http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STO_079_549_11286.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2015.

BRUN, L. Comer bem e com consciência: alternativas para uma alimentação saudável estão nos produtos orgânicos e na agricultura biodinâmica. **Diário de Santa Maria**, Santa Maria, 27 ago. 2015.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004.

CASTELO BRANCO FILHO, C.; MEDEIROS, R. M. V. A agricultura orgânica como estratégia para uma nova ruralidade: o caso da experiência do arroz orgânico na região metropolitana de Porto Alegre/RS. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 7., 2013, Rio Claro. **Anais...** Rio Claro: UNESP, 2013.

COLUSSO, I. et al. **Planejamento e desenvolvimento regional sustentável na Quarta Colônia**. 2015. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/quartacolonia/downloads/1%20artigo_regional.doc>. Acesso em: 10 nov. 2015.

DALL'ACQUA, C. T. B. **Competitividade e participação: cadeias produtivas e a definição dos espaços geoeconômico, global e local**. São Paulo: Annablume, 2003.

GUIMARÃES, G. M. **Racionalidades identitárias na produção e comercialização de alimentos coloniais na Quarta Colônia- RS**. 2011. 206 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22 n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>>. Acesso: 07 ago. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais**. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

MACHADO, L. C. P.; MACHADO FILHO, L. C. P. **A dialética da Agroecologia: contribuição para um mundo com alimentos sem veneno**. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

MARIN, M. Z. Políticas Públicas e o Desenvolvimento Territorial Rural na Quarta Colônia – RS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DOS ESPAÇOS DE FRONTEIRA, 1., 2011, Marechal Cândido Rondon. **Anais Eletrônicos...** Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 2011. Disponível em: <http://cac.php.unioeste.br/eventos/geofronteira/anais2011/Arquivos/Artigos/POLITICA/Artigo5_9.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2015.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. Tradução de Cláudia F. F. Balduino Ferreira. São Paulo: Editora Unesp; Brasília-DF: NEAD, 2010.

MEIRELLES, L. A. **Certificação de produtos orgânicos: caminhos e descaminhos**. Ipê: Publicação interna do Centro Ecológico de Ipê – Serra, 2013.

_____. **Produto orgânico ou produto ecológico?** Ipê: Publicação interna do Centro Ecológico de Ipê – Serra, 2009.

MORANGO AGUDENSE. **Dados e fotos da produção de morango**. 2015. Disponível em: <<http://morangoagudense.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2007.

MORO, E. J. O mercado que separa Agricultura Orgânica e Agroecológica. In: CONGRESSO RESPONSABILIDADE E RECIPROCIDADE, 2011, Restinga Seca. **Anais eletrônicos...** Restinga Seca-RS: Fundação Antonio Meneghetti & Faculdade Antonio Meneghetti, 2011. p. 73-81. Disponível em: <<https://reciprocidade.emnuvens.com.br/rr/article/download/8/7>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

OLIVEIRA, G. B. de; LIMA, J. E. de S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista FAE**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 29-37, 2003.

PENTEADO, S. R. **Introdução à agricultura orgânica: normas e técnicas de cultivo**. Campinas: Grafimagem, 2000.

ROSSO, B. D. et al. Desenvolvimento local/regional: a cadeia produtiva da banana em São João do Polêsine/RS. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 21., 2012, Uberlândia. **Anais eletrônicos...** Uberlândia: UFU, 2012. Disponível em: <http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1057_1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

SCHOPF, D. A. et al. Produção ecológica de banana em São João do Polêsine – RS. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 11-16,

abr./jun. 2001. Disponível em: <http://www.almanaquedocampo.com.br/imagens/files/revista_agroecologia_ano2_num_2_parte05_relato.pdf>. Acesso em: 20 out. 2015.

SCHULTZ, G. Agroecologia, agricultura orgânica e institucionalização das relações com o mercado nas organizações de produtores do sul do Brasil. **Agrária**, São Paulo, n. 7, p. 61-93, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/agraria/article/viewFile/130/130>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SILVA, S. E. V. da. **A agricultura familiar no Brasil e as transformações no campo no início do século XXI**. 2010. 192f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

VENDRUSCOLO, R. et al. Território Quarta Colônia/RS: identidade territorial e tipicidade singular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LA RED SIAL, 4., 2008, Mar del Plata. **Anais...** Mar del Plata: RED SIAL, 2008.

XAVIER, T. R. et. al. Desenvolvimento regional: uma análise sobre a estrutura de um consórcio intermunicipal. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, p. 1041-1065, jul./ago. 2013.